

Outras correntes

● Vale a pena ler o livro de Cardoso Botelho *Holocausto em Angola, Memórias de entre o Cárcere e o Cemitério*. Preso em Angola entre 1977 e 1980, este antigo administrador da Diamang recolheu, na prisão, testemunhos importantes que agora divulga numa forma nem sempre muito clara, mas certamente preciosa. Factos pouco conhecidos como a detenção, às ordens do MPLA, dos militantes sul-africanos do ANC que por essa época se treinavam em técnicas de guerrilha em Angola e que pagaram em intermináveis sessões de tortura a sua recusa em participar na guerra civil angolana; o envio forçado de milhares de crianças angolanas (e do Congo) para serem transformadas em “pioneiros para a África revolucionária”, na ilha da Juventude, em Cuba, ou a ordem para regressarem de imediato para “participar na

reconstrução nacional” dada aos jovens angolanos que estudavam em Moscovo e Havana e que, mal saíam do avião, eram levados para sessões de interrogatório e tortura são relatados por Cardoso Botelho, pois pela prisão onde se encontrava as personagens desses dramas iam passando em levas. Aliás, agora que Cuba está na ordem do dia, este livro é particularmente interessante para se perceber algumas das discussões que futuramente se farão a propósito de Fidel. Não por acaso, numa das badanas do livro é incluída uma fotografia do Hotel Presidente, em Luanda, onde se instalaram, antes da cerimónia da independência de Angola, parte dos sete mil militares cubanos que começariam por ajudar o MPLA (ou parte dele) a ser poder. E provavelmente será graças ao interesse que, no futuro, venha a existir pela presença cubana

em África que os portugueses poderão vir a conhecer melhor o que aconteceu durante o seu processo de descolonização. Livros como *Fidel Castro, El Final del Camino*, de Santiago Aroca, ou *Castro: Subversão e Terrorismo em África*, de Juan Benemelis, não só procuram dar conta do que foi essa participação militar e dos objectivos que a nortearam como acabam por invariavelmente referir o papel nela desempenhado por alguns políticos e militares portugueses. A passagem de informações classificadas por militares portugueses ao Exército cubano para que este pudesse intervir em Angola é um dos aspectos referidos. Mas não só. Alguns autores, e Cardoso Botelho é mais um deles, referem a intervenção, logo em 1974, de homens como Rosa Coutinho junto de Fidel com vista a explicar-lhe as vantagens para Cuba do envio

dos seus militares para Angola. Desconheço se estas conversas tiveram a importância que esses autores lhe dão. Mas, perante os factos e os documentos apresentados neste livro, apenas posso fazer minhas as palavras de Manuel Rui ao *Sol*: “Em Angola, não temos de inventar o realismo mágico porque o que vivemos já é fantástico.” Há muito tempo que não lia nada tão verdadeiro. H.M.

● E já que estamos na Póvoa de Varzim, é importante não deixar cair no esquecimento o sucedido nas piscinas municipais daquela cidade: a 18 de Janeiro, a delegada de saúde tomou conhecimento que a análise efectuada pelo Instituto Ricardo Jorge à água das piscinas/jacuzzi a dava como “imprópria”. Nesse mesmo dia, a delegada aconselhou o encerramento imediato das piscinas. A empresa municipal que as gere não só não

as encerrou como deixou que, nos dois dias seguintes, 362 atletas aí participassem no Meeting Internacional de Natação.

● A 22, a delegada de saúde confirma finalmente que a água é imprópria porque está contaminada com a bactéria *Legionella pneumophila*. Porque não sabia isso a delegada desde dia 18? “Devido a uma avaria no fax”. Há muito tempo que não vou à Póvoa de Varzim e nem queria acreditar que existisse ainda em Portugal uma aldeia - quanto mais uma cidade! - desprovida de telefones fixos e móveis, e-mail, telegramas, automóveis e pombos-correios, mas não consigo encontrar outra explicação para o comportamento da delegada de saúde. O sucedido na Póvoa de Varzim é uma espécie de “correntes de desresponsabilização”. H.M.